FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
ADEMAR DA SILVA JUNIOR

O CONCEITO DE ECOBIOLOGIA SEGUNDO A ONTOPSICOLOGIA APLICADO À BUSCA PELA IDENTIDADE DE UM LOCAL: O *CASE* DO ESPAÇO VALMAR

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019

ADEMAR DA SILVA JUNIOR

O CONCEITO DE ECOBIOLOGIA SEGUNDO A ONTOPSICOLOGIA APLICADO À BUSCA PELA IDENTIDADE DE UM LOCAL: O *CASE* DO ESPAÇO VALMAR

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof.a. Dr.a. Clarissa Mazon Miranda

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019

ADEMAR DA SILVA JUNIOR

O CONCEITO DE ECOBIOLOGIA SEGUNDO A ONTOPSICOLOGIA APLICADO À BUSCA PELA IDENTIDADE DE UM LOCAL: O *CASE* DO ESPAÇO VALMAR

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof.a. Dr.a. Clarissa Mazon Miranda

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.a. Dr.a. Clarissa Mazon Miranda
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof.a. Dr.a. Claudiane Weber
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Prof. Almir Francisco Foletto
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Recanto Maestro, 24 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos nossos professores e colegas de turma que foram sempre uma inspiração para esse resultado final. Agradeço à toda organização e diretores da AMF e da Fundação AM por nos proporcionar tal oportunidade de estudarmos uma ciência de vanguarda e nas melhores condições possíveis de espaço e cultura. Agradeço à minha orientadora: Clarissa Miranda. Agradeço, acima de tudo, ao Acad. Prof. Antonio Menegehtti pelo legado científico que deixou e que nos permite hoje fazer parte da primeira turma de graduação do Bacharelado em Ontopsicologia.

Epígrafe

"Com a Cozinha Viva, ao invés disso, o homem sente-se leve e jamais cansado, substancialmente sente apenas um sofisticado prazer que faz estar em uma 'suavidade contínua'. Para colher e entender essas coisas, é preciso recuperar o holístico do nosso organísmico com todos os seus chamados".

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2010.

RESUMO

A presente pesquisa, realizada como trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Ontopsicologia da Antonio Meneghetti Faculdade, analisa as relações que podem ser identificadas entre o desenvolvimento das potencialidades econômicas do Espaço Valmar, local definido como um centro ecobiológico de produtos naturais e artesanais, e o desenvolvimento pessoal do empreendedor rural responsável por esse espaço. Para responder essa questão, o objetivo geral é analisar a coerência entre o uso econômico do Espaço Valmar e suas potencialidades econômica e ecobiológica (segundo o modo como o conceito de ecobiologia é apresentado pela Ontopsicologia). Entre os objetivos específicos está: aprofundar o conceito de ecobiologia, a partir do estudo transversal dos temas *genius loci*, homem autêntico e alma; utilizar a narrativa do próprio pesquisador, que é também o empreendedor responsável pelo local, como fonte de estudos para verificar a coerência entre a identidade do local e sua atual atividade; e resgatar a história do Espaço Valmar, o qual hoje representa uma atividade econômica relevante dentro do distrito Recanto Maestro. A metodologia utilizada é bibliográfica, documental e de narrativa biográfica. Como conclusão, chega-se a uma visão mais clara da identidade das potencialidades econômicas do Espaço Valmar, um empreendimento em perene desenvolvimento e construção.

Palavras-chave: Ontopsicologia, ecobiologia, Espaço Valmar, *genius loci*.

ABSTRACT

This research, carried out as the conclusion research work of the Bachelor of Ontopsychology of Antonio Meneghetti Faculdade, analyzes the relations that can be identified between the development of the economic potential of *Espaço Valmar*, a place defined as an ecobiological center of natural and artisanal products, and the personal development of the rural entrepreneur responsible for this space. To answer this question, the general objective is to analyze the coherence between the economic use of the *Espaço Valmar* and its economic and ecobiological potentialities (according to the way the concept of ecobiology is presented by Ontopsychology). Among the specific objectives is to: deepen the concept of ecobiology, from the cross-sectional study of the themes *genius loci*, authentic man and soul; use the narrative of the researcher himself, who is also the entrepreneur responsible for the place, as a source of studies to verify the coherence between the place's identity and its current activity; rescue the history of *Espaço Valmar*, which today represents a relevant economic activity within the Recanto Maestro district. The methodology used in this research is bibliographic, documentary and biographical narrative. As conclusion of this research, it is possible to come to a clearer view of the identity of the economic potential of *Espaço Valmar*, a venture in perennial development and construction.

Keywords: Ontopsychology; ecobiology; *Espaço Valmar*; *genius loci*.

SUMÁRIO

1 Introdução.....09
2 *Genius Loci:* um lugar que ensina o homem.....12
2.1 Premissas para compreender a relação entre homem e o meio-ambiente.....14
2.2 Problemas possíveis na relação homem e meio-ambiente..... 16
3 Metodologia.....17
4 Apresentação das narrativas.....18
4.1 Narrativa do autor-pesquisador.....18
4.2 Entrevistas com os clientes.....23
5 Considerações Finais.....25
Referências.....27

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte do homem em busca do "nexo ontológico", do seu "projeto de origem", da sua "alma". Os modos são tantos para descrever uma atitude existencial e abordar a necessidade de se relacionar no mundo. Essa busca do "invisível", do sentido da existência, só é observada pelos efeitos, pelos fenômenos: é como o vento, que não se vê, a não ser pelos efeitos que causa. Pode-se dizer que a partir da alma é constituída a trajetória do que se chama Eu Lógico-histórico do indivíduo. Partindo dessa ideia, não seria possível também considerar que o ambiente organizado por um indivíduo será relacionado também a sua alma? A presente pesquisa partiu da busca do pesquisador pela resposta para essa pergunta. O percurso transcorrido nesse intuito permitiu uma maior compreensão acerca do conceito de ecobiologia, bem como, sua aplicação prática ao usufruto empresarial de uma propriedade rural localizada na área do distrito Recanto Maestro, o Espaço Valmar.

Hoje podemos afirmar que o homem, vive em um mundo caótico e bastante conturbado por problemas como poluição, destruição das reservas naturais, exploração desenfreada de riquezas disponíveis no solo, nas águas e no ar. Acostuma-se a sempre querer extrair o máximo das coisas e da natureza, sem mesmo parar para refletir para que, ou por que. Faz-se guerra com irmãos de sangue e religião por necessidade de exploração de produtos que a própria natureza dá gratuitamente. Neste contexto, dá-se ênfase também em como o homem se relaciona com o seu alimento e a sua busca por saúde através dessa relação.

O tema ecobiologia foi cunhado pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, e é utilizado aqui segundo os textos deste autor. Segundo Meneghetti (2003a), o conceito de Ecobiologia vem do latim *otkoc* (do qual deriva eco), isto é "casa", "ambiente", e *bioc*, cujo significado literal é "que vive". Esse radicais conduzem ao sentido de: a vida do ambiente, a vida da casa [...]. Neste caso, listamos a seguir, alguns termos chaves para compreensão de "ecobiologia" e, ao lado, o sentido geral a eles atribuído:

- **Eco** - casa, ambiente
- **Biologia** - conhecimento da vida orgânica
- **Holístico** - inteiro harmônico

Ecobiologia, segundo Meneghetti (2017), significa: *saber viver com qualidade superior a própria vida em osmose com o ecossistema naturístico* (p. 9. Grifo do autor). Segundo o autor, para inserir-se na relação homem-terra, o ser humano deve deixar de

definir-se um “extraterrestre”, no sentido de uma vida imprópria àquele ambiente. É possível dizer, portanto, que o ser humano pode se homologar e se ambientar de modo harmônico na realidade que é o planeta Terra.

O que se pode compreender, a partir desse elenco de sentidos que estão de algum modo ligados ao termo ecobiologia, é que o homem (ser humano) não tem mais uma conexão verdadeira com a sua mãe terra. Pode-se considerar um alienígena (alieno) ou “extraterrestre”, no conceito de “extra”, “fora” da terra, sem conexão universal. A busca por deixar de ser alieno da própria terra perpassa o atuar quotidiano do indivíduo em sentido ao alcance da própria saúde integral. Tal lógica remete novamente à obra de Meneghetti (2017): “a saúde não é outro que o ser em harmonia com a natureza, segundo o projeto-base do qual se principia, o formal vivente” (p. 14). Assim sendo, é possível dizer que: “é preciso ter este estilo de vida que é saúde de sabedoria” (p. 14). Percebe-se aqui a conexão da ideia de ecobiologia com a possibilidade de uma saúde integral do sujeito, ao entender que a saúde é compreendida, por esse autor, entre outros aspectos, como o “ser em harmonia com a natureza”.

A relação entre homem e natureza é basilar, pois, conforme Meneghetti (2017), “o indivíduo é um instrumento da natureza, é o único capaz de colher aquela ordem que o apela durante todo o seu existir histórico” (p. 15). A natureza pode ser vista como um subsídio para o corpo do indivíduo, enquanto a terra é o próprio corpo ampliado. Por meio dessa troca entre indivíduo e ambiente, que se dá instante a instante, chega-se a ideia de que o ambiente e indivíduo estão em troca constante.

Em grau de hipótese e para construir uma elaboração teórica que permita visualizar com mais amplitude a correlação entre ecobiologia e o que os antigos chamavam de alma, dedica-se o capítulo seguinte também ao estudo do *genius loci*. Partindo-se do pressuposto de que o ambiente e o indivíduo estão em contato constante, aprofunda-se o que acontece quando um indivíduo se encontra em um local de força notavelmente maior, como são os *genius loci*. Acredita-se que a busca da convivência harmônica entre indivíduo e *genius loci* perpassa o entendimento de como a pessoa atua sobre o ambiente natural em que está inserida e vice-versa.

A partir dessa contextualização inicial a respeito da ecobiologia, o problema que se busca responder neste estudo é: que relações podem ser identificadas entre o desenvolvimento pessoal do empreendedor rural e o desenvolvimento das potencialidades econômicas do Espaço Valmar?

Para responder ao problema de pesquisa propõe-se como objetivo geral é analisar a coerência entre o uso econômico do Espaço Valmar e suas potencialidades econômica e ecobiológica (segundo o modo como o conceito de ecobiologia é apresentado pela Ontopsicologia). Como objetivos específicos, propõe-se: aprofundar o conceito de ecobiologia a partir do estudo transversal dos temas *genius loci*, homem autêntico e alma, todos segundo a abordagem ontopsicológica; utilizar a narrativa do próprio pesquisador, que é também o empreendedor responsável pelo local, como fonte de estudos para verificar a coerência entre a identidade do local e sua atual atividade; resgatar a história do espaço Valmar, que hoje representa uma atividade econômica relevante dentro do distrito Recanto Maestro; por fim, realizar um fechamento acadêmico aprofundado para todas as tesinas que o pesquisador elaborou ao longo de seu percurso acadêmico e que tinham como tema o estudo do Espaço Valmar.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é bibliográfica, documental e de narrativa biográfica. Em termos da pesquisa bibliográfica e documental, essa privilegia a atenção a conceitos chaves de ecobiologia, *genius loci*, homem autêntico e alma e a relação entre eles. Recupera-se neste trabalho de conclusão de curso os estudos preliminares feitos pelo autor para suas *tesinas* do Bacharelado em Ontopsicologia. Para a narrativa biográfica, foram realizadas entrevistas com pessoas que utilizam o Espaço Valmar, objeto de estudos em questão; e também a escrita em primeira pessoa (capítulo 5) de um texto que traz o relato autobiográfico do autor e suas memórias sobre o local.

Quanto à organização, além desta Introdução, o texto compreende mais três seções relacionadas e complementares. Inicialmente, em continuidade à descrição de "ecobiologia holística" procede-se à descrição de *genius loci,* como um local capaz de ensinar aos homens e, são tratadas as premissas para entender a relação entre homem e meio ambiente. Na terceira seção descreve-se a metodologia da pesquisa. Na sequência apresentam-se a narrativa autobiográfica do autor sobre o desenvolvimento do Espaço Valmar e também as entrevistas realizadas com dois clientes participantes de eventos realizados no local. Por último, na quinta seção apresentam-se as considerações finais.

Importante notar que não foi o escopo dessa pesquisa esgotar um tema tão vasto quanto ecobiologia, mas, sim, realizar um estudo aprofundado sobre a temática para maior compreensão do Espaço Valmar. Procura-se conceituar, para uso nesta pesquisa, o que é ecobiologia, o que é um "homem autêntico", o que é um *"Genius loci",* na visão deste cientista, como é sua relação com o mundo, e, em específico, o "meio-ambiente" e suas fenomenologias. Pesquisa-se a relação do pesquisador com seu

empreendimento, a empresa Valmar – assim definida como centro ecobiológico de produtos naturais e artesanais.

2 *GENIUS LOCI* : UM LUGAR QUE ENSINA O HOMEM

O conceito de *genius loci* é muito antigo. Os romanos acreditavam que alguns espaços naturais tem seu "gênio", seu "espírito", uma presença invisível que torna aquele local especial. Geralmente, eram espaços com uma identidade específica, considerados lugares que portavam à presença de algo divino. Eles entendiam que a natureza determina esses lugares como centros de força. A partir do momento em que se localizavam esses locais, os romanos construíam neles as suas mais importantes edificações. Em diferentes culturas da antiguidade, como na cultura japonesa, localizam-se registros sobre locais parecidos, porém com diferentes nomes. A maioria das religiões, as ordens monásticas, por exemplo, compreenderam um pouco dessa presença e a mencionam em seus textos. Geralmente as construções mais sagradas estão ligadas a algum local com este tipo de força. Encontram-se igrejas, templos e lugares de culto em locais apontados como *genius loci*.

Esse conceito é citado hoje, prevalentemente, na literatura sobre arquitetura, mas, no passado, era mencionado também na filosofia e na poesia. Em uma das diferentes vezes em que cita o "*genius loci* – gênio do lugar", Meneghetti (2017) o define como: "a mente do lugar, o deus do lugar, é como se houvesse uma presença pessoal, particular. Sente-se uma presença com capacidade de autonomia e reação" (p. 15). Segundo o autor, existem locais assim espalhados por todo o mundo e, quando um ser humano se encontra nesses espaços, com essa "magia", com essa força, geralmente, se sente bem, existe uma amplitude de todos os seus sentidos. É necessário estar atento às próprias percepções para colher tais efeitos, a percepção que se tem em um desses locais é sempre uma evidência de força, de magnetismo, mesmo que não se entenda diretamente.

Meneghetti (2003b) trata também dos *genius loci*, como "lugares mestres". O lugar mestre significa o "lugar mais forte [...] Realmente existem os lugares – em todo o planeta terrestre – que são muito positivos, quase ricos de uma magia vital. O ser humano, estando naquele lugar, sente um bem-estar em todo o seu organismo" (p. 269). Sobre o preparo que é necessário para organizar um espaço de *genius loci,* Meneghetti também traz indicações: "pode compreendê-lo e desfrutá-lo o homem que possui um Eu

logico histórico funcional ao seu grande Em Si ôntico" (2003b, p. 270). A constituição daquele espaço é uma escolha profunda do indivíduo capaz de organizá-lo. "Ordenar um espaço, escolhê-lo, amá-lo, prosseguir no construí-lo, significa colher a precisa intencionalidade daquele contexto. O projeto otimal é já presente na intencionalidade do contexto ecológico considerado" (2003b, p. 272).

De acordo com Meneghetti (2017), o *genius loci* é a presença de uma superior unidade de ação e pode ser transformado por uma inteligência conhecedora do valor desse local, alguém em condição de coordenar um espaço para maior função e para ressaltar o estético. Em sua prática na criação de projetos ecobiológicos[1], por exemplo, o Acad. Professor Antonio Meneghetti conta que procurou escolher, como sede para esses locais, terrenos que contivessem os *genius loci*. Exemplo destes *genius loci* que foram ampliados na sua força de base estão presentes, portanto, no seguintes centros ecobiológicos: Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro; Centro Ecobiológico Lizori; no Centro de Cultura Humanista Bernia, etc. Os *genius loci* destes locais foram organizados pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti para o usufruto daqueles que convivem nestes locais, sempre partindo de um espaço em que já se identifica essa presença. É um fazer que pode ou não implicar na construção de uma edificação no local. Por vezes, trata-se apenas de organizar elementos como pedras disponíveis no *genius loci* para garantir a ele uma ordem em função do uso possível, como um anfiteatro natural a exemplo.

Erguido em um dos *genius loci* existentes no Recanto Maestro, o Espaço Valmar teve seu nome cunhado pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti e remonta a ideia das vilas italianas que não eram apenas casas, ou um endereço comercial, ou ainda um ponto de produção agrícola, etc.; podiam conter todas essas funcionalidades, sob uma única gestão. Essas vilas eram montadas de acordo com sua identidade de natureza, com aquilo que aquela terra inspirava àquele proprietário. Percebe-se nessa descrição um indício da importância da relação entre o homem e o específico projeto de natureza da terra que ele prepara.

Assim, a função de organizar um *genius loci* requer trabalho de um homem disposto a evidenciar o autêntico daquela terra. Alguém que, enquanto organiza o *genius loci*, procurando transformar em algo maior, belo, superior ao que é hoje, produtor de resultados que possam servir e alimentar um ser humano na sua essência – será também

[1] Os centros ecobiológicos são espaços desenvolvidos e assim nominados por Meneghetti em diferentes países.

organizado por ele, formado e moldado por esse trabalho em síncrono harmonia com a alma do lugar. A produção de alimentos, caso realizada neste local, terá também conexão com o fato desses serem espaços especiais. Segundo Correa (2008), a expressão *genius loci* fala da alma, talento, vocação de cada território. A autora associa a ideia ao movimento *slow food*, o qual recomenda que se resgate o lento desfrutar dos alimentos. O conceito de território é fundamental para o *slow food*: "uma vez que os alimentos são vistos como um produto do território, como o resultado da tradição, da cultura e da identidade local". A autora vê como clara a conexão entre os territórios em que os alimentos são cultivados e o bem estar gerado por eles para os seres humanos. "[...]está na hora de prestar mais atenção no *genius loci*. Não só ao espirito do lugar onde moramos ou visitamos, mas também no "espirito" daquilo que comemos" (2008, on-line). É de conhecimento notório que a qualidade de um produto agrícola depende do solo e do clima em que são produzidos. É possível acrescentar a esses critérios as pessoas que produzem um alimento, a manualidade desses e a personalidade do lugar. Um vinho, um queijo, um azeite, podem ter proveniência, carregam consigo a essência do território. "Escolher 'produtos da terra' é um jeito de experimentar a energia do território e de recuperar os saberes tradicionais e as culturas locais" (2008, on-line).

Para compreender melhor a comunicação que se dá entre a força de um *genius loci* e o homem que nele atua parece importante abranger os conceitos de alma, homem autêntico e nexo ontológico.

2.1 Premissas para compreender a relação entre homem e o meio-ambiente.

Se a ideia de *genius loci* implica a busca pela alma do local, sentiu-se a necessidade de trazer uma visão geral acerca da "alma" e da busca do homem por uma vida equilibrada com o ambiente em que vive. Entende-se que o homem autêntico é aquele capaz de realizar a si mesmo de modo a beneficiar o contexto em que está, inclusive, o espaço natural. Portanto, tornam-se relevantes os conceitos de alma e homem autêntico conforme expostos no Dicionário de Ontopsicologia (Meneghetti, 2012). A correlação entre o homem e natureza, partindo desses princípios, é consequência, bem como, a necessidade de compreender-se o "nexo ontológico".

De acordo com Meneghetti (2012), a palavra "alma" vem do grego e significa "sopro", "movimento". O autor assim define o significado de alma: "ecceidade formal de semovência psíquica e de tudo que a semovência psíquica implica. Constituinte do ato, presença da forma que especifica a inteligência do organísmico-homem. Em

Ontopsicologia, é um sinônimo de Em Si ôntico" (p. 20). A alma é presença da forma que especifica o organísmico-homem.

Ao estudar tal conceito, pressupõe-se a possibilidade de chegar a um homem que esteja em consonância com sua alma, ou seja, um homem "autêntico". Meneghetti (2012), explica que "uma coisa ou um contexto é autêntico quando se demonstra por como o ser se presencia em antecipação a qualquer configurado racional ou lógico" (p. 29). Portanto, "o sinal é autêntico quando se configura igual a coisa" (p. 29). Para Meneghetti, "autêntico" significa "ser como o projeto individual prevê" (p. 29 e 30).

Quando o homem busca sua autenticidade, é possível dizer, que está procurando um sentido real de si mesmo, o que, enfim, pode ser associado a ideia de um nexo com a própria alma. Trata-se de um nexo ontológico, quando essa última palavra quer dizer, segundo Meneghetti (2012), "discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu"(p. 190). Estes três conceitos poderiam ser amplamente aprofundados seguindo a bibliografia da ciência ontopsicológica e da filosofia em geral. Porém, optamos por expor os mesmos apenas desse modo com fins de acessarmos a conexão entre esses três pontos e a relação entre homem e meio ambiente.

Natureza, para Meneghetti (2012), é "o que surge por nascimento, como o nascido, o feito, escorre ou age de per si, o que é e faz por nascimento de leis universais aplicadas a um contexto preciso" (p. 185). Essa definição de natureza é conexa ao conceito existencial, filosófico da palavra, para a compreensão do ser humano. Caso se pense em um espaço que tem um projeto de natureza, talvez seja possível falarmos da relação entre esses dois projetos de natureza: o do homem e do meio ambiente.

O ambiente, para Meneghetti (2012), é o cerco ou espaço daquele ente. Se ambos têm um projeto que pode estar ligado, o conceito de um espaço quando é chamado de "ambiente" é da "colaboração de sentido de uma individuação em um inteiro" (p. 21). É ainda o "espaço territorial ou mental de uma individuação, de uma relação ou de uma asserção dinâmica" (p. 21). Dessa relação dinâmica ente o espaço territorial e o espaço mental do sujeito, nasce ordem ou desordem.

A relação entre homem e meio ambiente faz com que haja consequências para o espaço quando o indivíduo enfrenta problemáticas em seu processo de busca pelo próprio real. Para Meneghetti (2012), ambiente é também "espaço de interação de um sujeito, essa interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações" (p. 21). A mescla entre ambiente territorial e ambiente psíquico do sujeito presente na

própria definição do termo “ambiente” segundo a ciência ontopsicológica, reforça ou desorganiza constantemente o espaço.

2.2 Problemas possíveis na relação homem e meio-ambiente

A terra oferta tudo ao homem. É como um útero materno que nutri. Se o homem é feito do mesmos elementos que a terra, a terra é cada pessoa. Essa simbiose deveria ser algo constante, simples e interagente. Pode-se dizer que os seres humanos têm o dever de ajudar, proteger, melhorar a terra, porque, ao fazê-lo, estão melhorando a si próprios. Segundo Meneghetti (2017), “qual é a ‘ordem’, o ‘modo’ de expor-se à exata informação entre eu humano e este ambiente terra? O homem deve antes ter alcançado uma informação exata de si mesmo - o conhecimento ordenado de si mesmo” (p. 13).

Seguindo essa diretiva, é possível compreender que, quando o indivíduo se encontra desorganizado do seu projeto de base, da sua originalidade como presença neste planeta, ele pode se tornar disfuncional para o ambiente em que está. Não sabe mais para onde seguir, qual a estrada mestre, vencedora. É a partir desta desordem que começa a cometer erros com o meio ambiente, pois aquela terra que o hospeda, é forte, viva e interage com os erros e acertos do indivíduo com o qual convive. Quando um sujeito encontra-se alieno existencialmente, também pode sentir-se alieno à própria terra. Assim como, a interação com a natureza, com o ambiente em que escolheu desenvolver seu projeto, pode servir como elemento de retomada da criatividade vital desse indivíduo.

Por outro lado, quando sente-se parte do “mundo da vida”, o indivíduo consegue entrar no interno da compreensão do que muitos autores apontam como “útero materno”. Em síntese, segundo essa lógica, a vida pulsa dentro do indivíduo, da mesma forma com a qual pulsa no interno do planeta. É quando o homem está em “conexão interna” com o projeto de identidade da terra que deseja cultivar que se torna capaz de auxiliá-la.

Partindo desse ponto de vista, a destruição do meio ambiente, em qualquer âmbito, é tão e somente a desordem do ser humano ao não conhecer a si mesmo. É uma auto sabotagem para destruir aquilo que não conhece, que é inconsciente a sua razão, mas que é também parte dele próprio. Esse indivíduo talvez sofra a falta de uma existência que tenha um sentido, um nexo ontológico em relação ao todo que ele compõe com o próprio planeta. É necessário, primeiro, o reencontro de si mesmo. Com

isso, se consegue ajudar o meio ambiente, e, até mesmo, a funcionalidade de um *genius loci*.

Quando um indivíduo se sente excluído, porque está fora dessa "natureza", desse nexo ontológico, começa o fazer pelo fazer, o fazer para ter. Seu conhecimento é superficial, é distorcido do projeto de base. Consequências dessa distorção são duas em termos de contato com o meio ambiente: (1) se torna um agressor da natureza, destruindo sem criatividade e retorno ao ser humano; (2) se torna um defensor da natureza de uma forma agressiva e, também, de alguma forma destrutiva, pois impede o progresso que serve ao ser humano.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é qualitativa utiliza metodologia bibliográfica e documental a partir das obras elencadas no referencial teórico e de entrevistas realizadas pelo autor em gravador digital. Segundo Treinta, Farias Filho, Sant´Anna e Rabelo (2012), na metodologia bibliográfica, "cabe ao pesquisador estabelecer uma estratégia de pesquisa […] que tanto facilite a identificação dos principais trabalhos em meio a uma quantidade grande de possibilidades que permeiam a produção científica mundial, como garanta a capacidade de estabelecer as fronteiras do conhecimento advindo dos achados científicos". Nesta pesquisa foi realizada a opção de serem priorizadas as obras do Acad. Professor Antonio Meneghetti. Tal opção foi realizada uma vez que esse é um trabalho de conclusão de curso realizado como critério para conclusão do curso de Bacharelado em Ontopsicologia, ciência essa fundada por esse autor. Já a metodologia documental foi observado quando foram consultados os arquivos pessoais do pesquisador em termos de anotações relativas às orientações e planejamentos que realizou ao longo dos últimos anos para o Espaço Valmar.

Utiliza-se ainda a metodologia de narrativa autobiográfica. Segundo Sousa e Cabral (2015), a narrativa "comporta dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados" (p. 149). A narrativa é realizada, segundo Sahagoff (2015), como "uma forma de compreender a experiência humana". Esse texto é, em seguida, analisado com o viés da fundamentação teórica" (p. 2). Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), ao tratarem da narrativa autobiográfica explicam que:

> O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e

> método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. (p. 114)

A fala do autor é ainda convalidada por entrevistas realizadas pelo mesmo acerca do Espaço Valmar no sentido de explorar as vocações do mesmo. O uso de entrevistas narrativas autobigráficas, segundo Schütze (2013), pode ser realizada acerca de um período específico da vida do entrevistado. No caso da presente pesquisa, opta-se por entrevistar os clientes do Espaço Valmar sobre o período em que experimentaram o usufruto daquele espaço durante um evento ali realizado. "A terceira parte da entrevista narrativa autobiográfica consiste, por um lado, no incentivo à descrição abstrata de situações, de percursos e contextos sistemáticos que se repetem, bem como da respectiva forma de apresentação do informante" (p. 212). Escolheu-se as respostas dos entrevistados 1 e 2 na terceira parte da entrevista narrativa autobiográfica para serem expostas no presente trabalho.

4 APRESENTAÇÃO DAS NARRATIVAS

Organizada em dois tópicos, esta seção apresenta, na primeira parte a narrativa do autor–pesquisador, escrita em primeira pessoa do indicativo, seguida de análise. Na sequência, são descritas duas entrevistas realizadas com clientes do espaço Valmar.

4.1 Narrativa do autor-pesquisador

Quando eu comecei a vir ao Recanto Maestro, nas primeiras vezes, ~~eu~~ conheci algumas pessoas e uma delas era o proprietário de uma propriedade que, na época, se chamava Floralma. É interessante que, as vezes, eu ia na propriedade, duas ou três vezes logo no começo e falava "algum dia isso aqui vai ser meu!". Vinha esse tipo de pensamento.

Na época, havia muitos jantares no Floralma. Íamos muito ali. O Acad. Professor Antonio Meneghetti tinha dado indicações de como aquele espaço tinha que ser composto, pediu para não mexer na estrutura arquitetônica da frente da casa. Ou seja, ele sempre dava uma disposição de como tinha que harmonizar todo aquele espaço, seja na parte de plantas como na parte estrutural da casa. Aquilo me chamava muita atenção.

Alguns anos depois, em 2008, o proprietário estava querendo se desfazer da propriedade e acabou me oferecendo. Eu conversei com o Professor e ele sugeriu que

fizesse ali um espaço de convivialidade, em que as pessoas pudessem participar. Ele desenhou o que eu podia fazer: o estacionamento, mudar a cozinha, a varanda, onde colocar os banheiros. ~~Eu,~~ Na época, trabalhava no Mato Grosso do Sul, nunca tinha trabalhado com restaurantes e comidas. Era interessante observar que, eu não tinha uma noção clara daquilo, me parecia muito trabalhoso, custoso, parecia que não conseguiria achar gente o suficiente. Mas era interessante: mesmo com toda essa dificuldade (eu nunca tinha feito um curso de culinária!) as coisas funcionavam, as pessoas iam, gostavam... Não fiz grandes investimentos...

Recentemente, quando fiz um jantar no Valmar, eu estava pensando exatamente o quanto é fácil para mim, hoje, estar fazendo isso. Lembrava o quanto para mim, no início, aquilo era um sofrimento total, porque eu não conseguia entender, efetivamente, o que era aquela estrada, e o quanto hoje, para mim, cozinhar e servir é uma coisa muito natural.

Nesta estrada do Valmar, já se passaram quase dez anos e vejo que houve dois pontos muito peculiares para que eu pudesse transformar o espaço no que é hoje. Quando eu fechei o negócio, era um inverno. Fui em um sábado à tardinha falar com o proprietário. Ele me recebeu servindo um licor de limão siciliano. Eu adorei aquilo! E disse a ele "cara, que coisa boa!", e ele disse "fui eu quem fiz, daquele pé de limão ali da frente!". Esse pé tem até hoje no Valmar. Eu já tinha tomado licor de limão siciliano, mas eu não imaginava que alguém pudesse fazer aqui no Brasil. Fiquei com isso na cabeça. Eu não sei se gostei mais de beber o licor ou de saber que alguém podia fazer alguma coisa com um simples pé de limão.

Passou mais um tempo, era um final de ano, e eu ganhei de presente um queijo *brie* e um potinho de geleia de casca de bergamota. Comi aquilo e também achei maravilhoso! E de novo veio na minha cabeça: eu lembrava do Recanto e lembrava da chácara que tinha uma infinidade de pés de bergamotas comuns, que viviam caindo sem uso. Eu gostei tanto daquela combinação que pensei "vou fazer isso!". Depois de algum tempo, era interessante que eu vinha para o Recanto e pegava as frutas do Valmar e começava a fazer experimentos. Fazia os licores, em especial esse de limão siciliano, e a geleia de casca de bergamota. Eu sempre fui muito intuitivo, nunca fui muito de buscar receitas. As duas ou três primeiras vezes que eu fiz o licor e a geleia eu imaginava como teria que ser feito. Só depois é que eu fui procurar alguma técnica para ver se era daquele jeito, ou se tinha como melhorar. Daí nasce essa vocação do Espaço Valmar, que hoje tem uma pequena produção de bebidas artesanais: a cachaça, os licores (o

carro chefe é o licor de limão siciliano!), e, para aproveitar o excesso de frutas, as geleias (a que faz mais sucesso é a geleia de bergamota!).

Vejo hoje que, eu nunca pensei no que daria aquele movimento de me experimentar na produção do licor e da geleia que tinha adorado experimentar. Eu ia simplesmente pensando nas coisas, vivendo aquelas coisas, e, aos poucos, ia nascendo. O projeto não foi, no início, claro. Conforme eu ia crescendo, vivendo, me desenvolvendo como pessoa, o projeto também ia se desenvolvendo. Tanto que hoje as construções do Valmar são muito adaptadas, porque não nascem de uma ideia única. Conforme eu vou vivendo o espaço, eu vou construindo.

A impressão que me dá sempre é que o Espaço Valmar nunca está pronto. Hoje a gente chega nele e tem uma harmonia no local todo, não tem mais nenhuma cerca que delimita os espaços, mudou muito. Há uma amplitude do espaço junto com a casa que hoje é mais amplo, incluindo o pomar de frutas, o local da produção da cachaça, as cozinhas, a casa.

O nome do local, Valmar, também veio com o tempo. Eu gostava da palavra Floralma, e, uma vez, falando com o Professor, perguntei "será que deixo Floralma?". Ele me disse que cada propriedade tem a sua identidade e que eu precisava dar intencionalidade ao meu projeto naquela área. Pedi uma sugestão de nome e ele fez a marca que hoje uso. Eu nunca pensei em perguntar porque Valmar. Hoje, pensando, analisando muito isso, que na região em que a chácara está usa-se muito o prefixo "val", que é sinônimo de vale. Observo que a área do Valmar é dos lugares mais baixos do Recanto. Imagino que seria o "Vale do Ademar". Outro ponto que observei é que, se você tira o "v" e o "r", fica a palavra "alma". Pensar sobre o que significa o nome desse local talvez seja uma forma que eu tenha de chegar mais perto da vocação dele e de me encontrar nesta busca.

É claro que a orientação do Professor Meneghetti sempre teve muita relação com toda a minha história e a do local. A minha relação com o prazer de cozinhar começou, antes do Valmar, por uma provocação dele, que me convidava para cozinhar. Na primeira vez, estávamos em Santo Ângelo (RS), trabalhando em uma propriedade e, de repente, ele me chama e diz para eu fazer o almoço. Cheguei na cozinha e tinha um coelho (eu nunca tinha visto um coelho morto na minha vida!). Apesar de eu ter sido uma pessoa criada em fazenda e ter essa relação com o campo, eu nunca tivera esse contato com a cozinha. Sempre fui uma pessoa muito urbana e sempre tive alguém para cozinhar para mim. Naquele momento, tinha que cozinhar o almoço e, como sempre

faço, fui me metendo a fazer as coisas sem saber o que estava fazendo. Não me bloqueio muito quando encontro alguma coisa que eu não sei fazer, ou nunca fiz. Eu não me lembro como, mas acabei inventando e fiz aquele coelho. O interessante é que hoje coelho é um dos pratos que servimos no Valmar. Esses dias me dei conta que eu gosto tanto de coelho, porque o primeiro prato que eu fiz na vida para o Professor foi coelho!

Me lembro que, em uma visita ao Valmar, o Professor Meneghetti apontou algumas árvores e falou que essas árvores não estavam ali por acaso, algumas delas eu tive que orientar para que fossem ordenar para ter essa harmonia". Hoje, entendo que há uma necessidade de ajudar a natureza, pois ela tem uma força às vezes descontrolada, avança, cresce desordenadamente. Para você ter um espaço mais de convivialidade com o ser humano, a natureza precisa ser ajudada, ordenada. É criar uma situação de espaço e harmonia.

Essa questão da convivialidade também foi um aprendizado que tive com o tempo. Auxiliando a servir jantares para o Professor, eu percebia muito que, quando ele estava em um ambiente de refeição com alguns convidados, usava a mesa como uma forma de criar relacionamentos fortes com os russos, com italianos, com brasileiros; era uma forma de reforçar aquela parceria que ele mantinha em todos os lugares dele. Essa observação me deu experiência. No Espaço Valmar, nunca tive a pretenção de fazer um restaurante, mas sim um espaço em que as pessoas possam ter um tipo de ambiente, de convivialidade, de conversar, de reforçar os laços entre elas. Hoje, o Valmar é muito procurado para eventos, residences, pequenas reuniões de negócios em que as pessoas incluem um jantar ou almoço. Percebo que isso é uma característica do espaço. Ali se tem o toque final que as vezes uma reunião no escritório não consegue.

Enfim, posso dizer que o Valmar é construído a medida que vou aprendendo com o local qual a identidade dele e qual meu papel ali. Eu olho hoje e sei que, se eu tivesse pensado nesse projeto de uma vez só, eu não teria conseguido. Eu não tinha nem as condições econômicas para fazer tudo de uma vez só. Cada vez que eu mexo nessa terra, toda a vez que eu construo, minha vida de alguma forma tem um ganho, é quase uma relação simbiótica. Eu melhoro nesse espaço e ele me ajuda a melhorar como pessoa. E procuro que esse poder de transformação do local chegue também para que usufrue dele. Você vai lá visitar o Valmar e vai ter a sensação de estar em casa, mas não a que você habita, a casa da qual você é originária, ou seja, é uma coisa muito mais metafísica, de voltar a uma origem nativa, de ter essa conexão com esse Em Si ôntico. E é isso que eu também quero levar para os produtos, quando a pessoa for tomar ou beber

ou comer algo da Valmar, ela tem que ter essa conexão. Não é só mais um produto, uma bebida, tem que remeter, tem que trazer esse projeto originário.

Eu entendo que essa é a minha jornada: conseguir ajudar a fazer essa conexão com o nexo ontológico por meio desse espaço, das coisas que são feitas ali. No início eu achava que o meu projeto tinha que ser um projeto pronto, nasci para ser político, para ser bombeiro, médico. Hoje eu entendo que as coisas não são assim tão claras, é um percurso. Temos habilidades e qualidades que, às vezes, não sabemos ter, e, aos poucos, elas vão surgindo e você vai estruturando isso dentro do mundo em que você vive. Nessa jornada, o Valmar se tornou um lugar com muita vida, com muita força. Me parece que tudo nele tem um pouco mais de intensidade. A luz reflete com outra tonalidade, tem uma interação especial entre luz, terra e ar. As coisas crescem muito, você sente isso!

Análise:

Em uma breve análise, faz-se importante retomar que um dos conceitos fundamentais para a presente pesquisa é o de *genius loci*. O mesmo faz referência, conforme visto, a locais que tem um projeto próprio e uma força vital maior e que se percebe. Nesse sentido, é possível dizer que a energia do *genius loci* entra em ressonância com a energia do indivíduo que organiza o espaço. Se a pessoa percebe e aceita a identidade daquele local pode conseguir manipular a energia e intenção do mesmo de forma harmônica e fluida, entrando na sinfonia com o lugar.

Os *genius loci* seriam, assim, mais que lugares: eles são ordenados e "ordenam" no sentido de harmonia e convivência com os que estão abertos a ele. O ser humano, neste ambiente, é capaz de perceber e agir o local se disponibiliza-se a aprender constantemente com o mesmo.

A narrativa autobiográfica do pesquisador é repleta dessa experiência viva de ter aprendido sobre as atividades econômicas que o local permitia a medida em que ele ia investindo tempo e desenvolvendo novas habilidades para estar ali. A economia do Espaço Valmar, pode-se dizer, foi uma construção conjunta originada pelo convívio do empreendedor com o espaço e com os demais frequentadores do mesmo. Por contar com esse aspecto de ser um local de convivialidade entre clientes e empreendedor, fez-se de interesse entrevistar alguns clientes para auferir o seu ponto de vista acerca do Espaço Valmar.

4.2 Entrevistas com clientes

Foram realizadas entrevistas com dois clientes que estiveram presentes em encontros *residences* realizados no Espaço Valmar no primeiro semestre 2019. Ambos os entrevistados responderam motivados por apenas uma pergunta: o que o Valmar representa para você? Os depoimentos que seguem são recortes das falas dos entrevistados gravadas em áudio, em maio de 2019. No Quadro 1 apresenta-se depoimentos do Entrevistado 1 e, no Quadro 2 depoimentos do Entrevistado 2. As identidades de ambos foram preservadas por considerar-se que se daria, assim, maior liberdade aos mesmos no momento de concederem seus depoimentos.

Quadro 1: Depoimento do Entrevistado 1 sobre sua visão do Espaço Valmar

Entrevistado 1: Empresário, 39 anos de idade.
A Valmar é um espaço que dá impressão de que ele faz companhia, e é uma companhia interessante. Estar na Valmar suscita uma sensação de plenitude. Como se você lá, prestando atenção, parado, começa a sentir as coisas: as plantas, as aves... É muito mais fácil de sentir quando as coisas estão erradas em mim quando eu estou naquele lugar, porque é como se fosse uma vibração que em determinado momento destoa, é muito mais perceptível. A Valmar, como espaço, tem essa característica que eu ainda não senti em nenhum outro lugar. Essa é a minha experiência com a Valmar. É como se tudo ficasse a flor da pele, toda a semântica é muito mais óbvia, muito mais clara. Eu não consigo explicar porque, o que, logicamente, na Valmar traz isso... É o lugar, eu ainda não encontrei esse porquê, mas é o que o lugar proporciona. É como se a percepção fosse muito mais crua, muito mais evidente.

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Pode-se observar na fala desse entrevistado, uma percepção bastante reforçada acerca do modo como, intuitivamente, ele se viu direcionado a uma maior introspecção sobre si próprio quando esteve convivendo com o Espaço Valmar. Retoma-se a ideia de um centro ecobiológico, em que o indivíduo pode entrar em contato com seu projeto de natureza com mais vitalidade a medida em que harmoniza-se com a força do ambiente e da natureza daquele local.

Quadro 2: Depoimento do Entrevistado 2 sobre sua visão do Espaço Valmar

Entrevistado 2: Pedagoga, 51 anos de idade.
A minha impressão do lugar é como um conjunto de sentimentos. Por um lado, tem a parte da natureza, sua rusticidade, lugar rústico, mas com um grande requinte de detalhes, elementos de decoração. É um lugar absolutamente prático e funcional, mas em cada detalhe há um refinamento que me chama muito a atenção. Particularmente, na área verde, onde estão as árvores e árvores frutíferas, se vê o tamanho dessas árvores a quantidade impressionante de frutas, senti que a natureza era muito exuberante e exigia muito trabalho. Vi que ainda faltava um pouquinho para atender a necessidade da natureza, eu sinto isso, pois tem muita força, muito crescimento, mas também exige um trabalho e um cuidado. Quando se chega a lugares assim, em que ainda é preciso trabalhar aqui, isso é impactante, porque é como se não tivesse que estar lá. Meu sentimento é de algo que não precisa ser eliminado dos olhos, porque não faz uma articulação com o resto do espaço, que é muito bonito. Tem a parte do canaveiral, que para mim é maravilhosa, é muito bonita: a maneira como as canas de açúcar cortam o céu, dá aquela sensação um pouco de mistério. O que há por baixo e por dentro? Estou muito impressionada com esse sentimento, com o fato de que a grama não tem rosetas, que pode andar lá perfeitamente sem picar, sem incomodar-se. É incrível! São lindas as oliveiras, tudo. Depois, há os seres humanos, os detalhes da madeira, as imagens, as formas que são colocadas, o banheiro, os detalhes de todo o conjunto. Eu senti familiaridade, senti-me como parte dele. Eu não me senti estranha a nenhum lugar, senti fluindo e isso não é fácil de obter ou sentir. A coisa mais importante é essa sensação de ser parte, de ser parte do todo, de não me sentir estranho e de sentar-me debaixo de uma árvore para descansar um pouco e, imediatamente, pensar e ver o fluir de imagens. O lugar permite expansão, não tem limitações, não apresenta obstáculos, permite que a natureza flua. Mesmo para a melancolia que sentimos à noite, que é escura e flui perfeitamente, parece-me que nos sentimos livres para nos mexermos, para conseguir interagir naquele lugar.

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

No depoimento do Entrevistado 2, percebe-se novamente à menção a sensação de que o local permite uma conexão com o próprio projeto, com a própria interioridade. Mesmo que não utilize as palavras *genius loci* ou centro ecobiológico, o depoimento traz a seu modo a força experimentada pelo cliente naquele espaço natural, a troca que

ele sentiu em relação a natureza ali presente. É possível auferir ainda que o entrevistado menciona o modo como o homem pode ajudar a natureza de um local a ser mais funcional para que os indivíduos possam ali conviver tendo em vista o quadrante da atividade econômica que se escolhe realizar segundo a identidade daquela terra e do empreendedor que nela investe.

É possível dizer que a resposta para a busca pela potencialidade econômica do Espaço Valmar está em manter como critério o desenvolvimento do espaço seguindo os preceitos dos princípios de *genius loci* e de centro ecobiológico. Ou seja, a identidade do Espaço Valmar não é algo planejado. Ela se apresenta, aos poucos, a medida em que se descobrem novas potencialidades produtivas do espaço e dos indivíduos que nele atuam. Essa troca simbiótica tem sido, conforme foi possível verificar na narrativa do pesquisador e dos entrevistados, uma constante na história do espaço até agora. Por meio dessa atuação não formalizada, chegou-se ás atividades que hoje o local desenvolve: receber eventos, produzir cachaças e geleias. No futuro próximo, a produção do Valmar deverá ser expandida a conhaques e graspas. Tudo motivado pela ideia de que a produção da região agora demonstra um crescimento da indústria vitivinícola, fornecendo insumos necessários para a fabricação das graspas. Por meio do referencial teórico, da narrativa auto-biográfica e das entrevistas, torna-se possível ainda elencar alguns pilares na atividade econômica desenvolvida no Espaço Valmar: utilização de produtos agrícolas da região e de alta qualidade; fomento a economia local; alinhamento com o desenvolvimento das capacidades pessoais do empreendedor; ampliação a medida que se descobrem novas potencialidades do espaço; desenvolvimento baseado no centenário conceito de *genius loci* e no conceito de ecobiologia, ambos segundo a visão da ciência ontopsicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário compreender que o homem está no interior de um enorme projeto. Esse projeto se especifica, se faz unidade existencial com o planeta. Se não se tem esse entendimento, a confusão é certa. É possível ser protagonista responsável e pode-se colaborar com o meio ambiente, tendo um crescimento côngruo com o espaço em que se atua. Acredita-se que, com a presente pesquisa, foi possível responder ao problema de pesquisa e atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos determinados.

Percebe-se que essa pesquisa tem um cunho filosófico, porém, tal caráter não impede que os resultados nela alcançados agora colaborem para a compreensão da identidade econômica do Espaço Valmar. É possível lembrar aqui o caráter epistêmico da Ontopsicologia em relação às outras ciências. Para o empreendedor, o estudo da ciência ontopsicológica permite um aprofundamento do seu fazer prático, cotidiano.

Para o Espaço Valmar, a presente pesquisa trouxe, entre outros, o desenvolvimento da visão de se ter no local um centro ecobiológico de gastronomia e alimentação. A partir da indicação do Acad. Professor Antonio Meneghetti, como sendo um *genius loci* dentro do Recanto Maestro, criou-se um projeto não antevisto quando do início das atividades realizadas pelo pesquisador.

Portanto, esse espaço, antes uma chácara utilizada para lazer, com pouca infraestrutura e sem escopo definido, se tornou, a partir de 2008, um espaço ecobiológico de gastronomia e alimentação. Esse centro tem como filosofia o pensamento do Acadêmico Professor Antônio Meneghetti no que compreende os requisitos ecológicos, econômicos, sociais e culturais de um espaço a serviço do homem, colocando o ser humano como centro de todo o processo, pois ele é o fundamento de toda harmonia entre homem e natureza. Entre as particularidades do Valmar estão o de causar um mínimo impacto ambiental, favorecendo a natureza, através do processo de transformação e elaboração de produtos alimentícios e seus espaços. Esta pesquisa permitiu compreender que é preciso ainda determinar como transmitir àqueles que usufruem dos produtos Valmar em suas casas o modo como esses produtos foram desenvolvidos, em interação harmônica com a natureza.

Se faz importante destacar que, para que se tenham resultados positivos na interação homem-natureza, é necessário um homem autêntico, uma alma em troca positiva com o espaço ecobiológico em que atua, para ressaltar a força natural do local, especialmente, no caso de um *genius loci.* Vê-se assim que a garantia de sustentabilidade ambiental é longeva para o homem responsável, o qual, com inteligência e auto compreensão, é dotado da capacidade para transformar a si mesmo e ao seu meio ambiente em função de uma novidade de produção naquele espaço e do estilo de vida saudável, com bem-estar e qualidade. Resta a indicação para que outros estudos e pesquisas sejam realizadas no amplo campo aberto pela ecobiologia e o desenvolvimento dos *genius loci.* A presente pesquisa foi um passo fundamental em um estudo continuado realizado pelo pesquisador sobre o Espaço Valmar.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, E. O espírito do lugar. In: **Slow Food Brazil**. Disponível em: http://www.slowfoodbrasil.com/textos/41-genius-loci/218-o-espirito-do-lugar. Acesso em: 12 jul. 2019.

MENEGHETTI, A. **A Cozinha viva**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003a.

MENEGHETTI, A. **OntoArte**: o Em Si da Arte. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003b.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Projeto Terra**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

PASSEGI, M., NASCIMENTO, G., OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. In: **Revista Lusófana de Educação**. Lisboa, v33. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2016. Disponível em: http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682/3579. Acesso em: 23 jul. 2019.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In:* SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 11, 2015, Porto Alegre. **Anais da Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação.** UNIRITTER: Porto Alegre, 2015 Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

SOUSA, M. G. S., CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 33, n. 2., 2015. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149. Acesso em: 23 jul. 2019.

TREINTA, F. T., FARIAS FILHO, J. R., SANT´ANNA, A. P., RABELO, L. M. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Produção**, Niterói: UFF, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132014000300002. Acesso em: 10 jul. 2019.